

humanitas



Vol. LXIII
2011

THÁNATOS E EROS – AGORA...

FERNANDO GUIMARÃES

Resumo

O tema do amor e da morte é recorrente na nossa cultura. Duas palavras gregas – *thánatos* e *eros* – são retomadas por duas figuras importantes da nossa cultura mais recente: Freud e Heidegger. Elas relacionam-se com os problemas da cura, da existência autêntica, da verdade, o que abre caminho para uma compreensão que parte da psicologia, com Freud, e chega à ontologia, com Heidegger.

Palavras-chave: *Eros*, *Thánatos*, Metapsicologia, Ontologia, Verdade.

Abstract

The theme of love and death is recurrent in our civilization. Two Greek words – *thanatos* and *eros* – are retaken by two representative persons of our recent culture, Freud and Heidegger. Both confront them with problems of cure, authentic existence and truth. These questions open the way to a comprehensiveness developed from the psychology, in the case of Freud, to the ontology, in the case of Heidegger.

Key words: *Eros*, *Thanatos*, Metapsychology, Ontology, Truth.

O tema do amor e da morte é recorrente ao longo da história da nossa cultura e deve-se a José Ribeiro Ferreira uma abordagem extremamente sugestiva pelo modo como nela a erudição se conjuga com uma fina apreensão da dimensão literária que esse tema assume na cultura clássica. Trata-se de um livro intitulado, precisamente, *Amor e Morte na Cultura Clássica*. Nele o amor e a morte são a sombra e a realidade de um em relação ao outro: Páris e Helena, Dido e Eneias, Orfeu e Eurídice aparecem como alguns dos personagens que se tornaram míticos porque, entre eles,

os laços que se estabelecem correspondem também aos múltiplos fios que passam pelo tear da literatura para que fiquem cerzidas as múltiplas narrativas em que a morte e o amor se cruzam.

Com a luminosidade e as sombras que a pouco e pouco delas vêm, outras imagens, enredos ou personagens apareceram, que, não raro, são a reencarnação, os duplos ou as derivas daqueles que a literatura grega ou latina converteram em grandes referências. Não é o que acontece se se seguir um caminho que passa pelas tragédias de Racine e Corneille e se prolonga até aos *Sonetos de Orfeu* de Rilke ou a *Medeia* de Christa Wolf?

Sendo assim, talvez tenha algum sentido, tendo presente esta constelação sem dúvida esplendorosa de imagens e narrativas, interrogarmo-nos como se *pensa*, isto é, como se vê teoricamente a questão das relações entre o amor e a morte. Consideraremos, tendo em vista o pensamento contemporâneo, dois nomes. São eles Sigmund Freud e Martin Heidegger, porque ambos desenvolveram pontos de vista teóricos que exerceram uma forte influência na nossa cultura.

A intervenção de Freud, como é sabido, faz-se no campo da psicologia e da psiquiatria. Interessar-nos-á, tendo em vista a questão que se está a abordar, a sua segunda ou última teoria das pulsões, a qual assenta num dualismo pessoal que se desenvolve em torno das pulsões da vida, sobretudo referidas a pulsões libidinais – é o consabido pansexualismo freudiano – e as pulsões de destruição ou da morte. Uma oscilação entre a vida ou *Eros* e a morte ou *Thánatos*...

Neste contexto, a morte não corresponde ao decisivo e último momento que coincide com o fim da vida; representa antes uma tendência para a autodestruição ou para a agressão, para um estado que se diria anorgânico. O sadismo, o masoquismo, o princípio de Nirvana, a melancolia que será vista como uma “cultura da pulsão da morte”¹, a vontade de poder ou, até, aquelas decisões ou tensões combativas que as palavras gregas *pólemos* ou *eris* sugerem, seriam algumas das suas manifestações. E, regressando ao livro de José Ribeiro Ferreira, não podemos esquecer que um dos seus capítulos encara detidamente a dialéctica – é esta a palavra que aí se usa – entre *pólemos*, *eros* e *thánatos*, referindo-se à luta entre Gregos e Troianos derivada da traição amorosa ou, se se preferir, erótica de Helena².

¹ Laplanche e Pontalis 1970: 533.

² Ferreira 2004: 89-110. Jean-François Balaudé, em *Le Vocabulaire des Présocratiques*, engloba na mesma entrada os termos *philotes*, *eros*, *neikos* e *eris*

Reportemo-nos, aliás por boas razões como veremos, a essa palavra *dialéctica*, a qual ganha um alcance muito especial na questão que estamos aqui a abordar. A segunda teoria das pulsões de Freud começa a desenhar-se na obra de 1920 sintomaticamente intitulada *Para Além do Princípio do Prazer*, onde se sugere que esse princípio do prazer ligado à sexualidade humana, como quinze anos antes Freud enfatizara nos seus *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, estaria de facto ao serviço das pulsões da morte. Estabelece-se, assim, um jogo ou uma relação antitética entre *thánatos* – palavra que, aliás, Freud não emprega³ – e *eros*. Freud chega a considerar um pensador pré-socrático, Empédocles, sugerindo que os princípios a que o filósofo se referia – a saber, *philia* e *neikos*, isto é, o amor e a discórdia – seriam equivalentes às pulsões da vida e às da destruição. No caso de Empédocles, para além dos quatro elementos que compõem o mundo, os quais são o fogo, a água, a terra e o éter, há a considerar nas palavras do filósofo a intervenção sobre eles do “Ódio funesto, que equilibra os quatro, e da Amizade [...]. É graças a ela que nascem os pensamentos do amor [...]. É assim que lhe dão o nome de Alegria e Afrodite”⁴.

Igualmente para Freud, tudo se passa sob a forma de uma relação de equilíbrio entre duas tensões opostas. Seria, pois, uma relação homeostática como acontece no mundo físico entre atracção e repulsa ou no mundo biológico entre anabolismo e catabolismo. Este ponto de vista, pela possível referência a processos físicos ou biológicos, é o que melhor serve uma opção teórica de tipo positivista, a qual há-de prevalecer em Freud até ao momento em que a noção de pulsão da morte se imporá, dado que nesse momento assistimos a uma certa viragem no seu pensamento.

Num texto de 1925, intitulado *Die Verneinung*, é este o ponto de vista que prevalece. Ora *Verneinung* é traduzido no já citado *Dicionário de Laplanche e Pontalis* por “negação” ou “(de)negação”. Freud considera

reconhecendo que eles se encontram, sob um ponto de vista filosófico e a partir de antíteses que esse ponto de vista contempla, na mesma área semântica, o que é confirmado pelas referências que faz a Parménides, Empédocles – que mais adiante consideraremos – ou Heraclito.

³ Laplanche e Pontalis 1970: 651. O termo *eros* é todavia usado, chegando Freud a considerar o pensamento filosófico e a mitologia da Grécia que se lhe referem.

⁴ Voilquin 1964: 123. Note-se que as duas forças referidas por Empédocles aparecem traduzidas recorrendo-se a termos diferentes conforme o contexto: Discórdia, Ódio, Luta, Amizade, Amor, etc.

que é pelo *não* que se deixa revelar o que se torna inacessível à consciência: o que foi recalcado é representado verbalmente não como é mas sob a forma de negação. Para ele a negação ou denegação é algo que se conserva e se supera ao mesmo tempo. Há uma *Aufhebung*. E esta palavra é a que Freud utiliza, recuperando, aqui, aquele mesmo termo que exprime o processo dialético tal como foi teorizado por Hegel ao considerar a superação tanto da tese como da antítese pela síntese. Da homeostase atrás referida passamos, agora, para a dialética: a negação e a afirmação são condição uma da outra, e uma pela outra transcendem-se ao encontro de um novo conhecimento que, segundo Freud, era até então conscientemente inacessível.

Foi Jean Hyppolite – e, ao seu lado, Jacques Lacan – quem deu particular ênfase a esta possível leitura hegeliana da segunda teoria das pulsões de Freud, o que o levou a propor que se entendesse o freudismo como uma *metapsicologia* ou, mesmo, como uma metafísica. Jean Hyppolite e Lacan consideram que a psicanálise tem por fim interpretar os fenómenos psíquicos como signos, isto é, como uma linguagem. Tem-se em vista um processo que corresponde à passagem “do significante para o significado, à exegese – sendo este um aprofundamento do desejo humano que é, na sua ambivalência, Eros e também Morte”⁵.

Há um comentário de Jean Hyppolite sobre a negação ou *Verneinung* de Freud.⁶ Essa negação ou denegação pode ser exemplificada pela seguinte afirmação que provém de uma confissão de um psicanalisado: “Vi no meu sonho uma certa pessoa. Perguntar-me-á quem era. Posso dizer com toda a certeza que não era a minha mãe”. Este jogo entre a afirmação e a negação (que se diz ou que é o que se não diz, mas que se há-de descobrir) corresponde à passagem da denegação ao *Aufhebung* que é, nas palavras mesmas de Jean Hyppolite, “le mot dialectique de Hegel”. Ora com a palavra *dialéctica* pretende-se “dizer e ao mesmo tempo negar, suprimir, conservar, e essencialmente ultrapassar”. Seguindo, pois, esse trânsito dialético, eu poderei afirmar que sei o que sou afirmando o que não sou.

Tendo presente esta relação entre tese e antítese, entre o que se afirma e o que se nega, podemos ver no ser humano uma corrente, que será a libido, e uma contracorrente, que será a pulsão de destruição; o jogo que

⁵ Hyppolite 1991: 379.

⁶ *Idem*: 385-396. O texto em questão encontra-se também na obra de Jacques Lacan cit. na bibliografia.

entre ambas se estabelece seria análogo, como nos diz Jean Hyppolite, ao modo pelo qual uma filosofia da natureza, como genericamente é a dos pré-socráticos, há-de conceber o universo como que vitalmente animado por atrações e repulsões, sendo este, como atrás se realçou, o caso de Empédocles.

Se nos fixarmos agora na nossa existência, poderíamos falar de uma analítica existencial tal como foi desenvolvida, aliás num registo totalmente diferente do de Freud, por um seu contemporâneo, Martin Heidegger. Em Heidegger há também um apelo ao pensamento dos pré-socráticos. Porquê? Porque, na sua opinião, a partir de Sócrates ou, melhor, de Platão ocorre na história da filosofia um afastamento cada vez maior do problema do Ser. Como recuperar esta questão? Será precisamente a partir da existência humana – isto é, do *Dasein* para utilizarmos a terminologia heideggeriana – que mediante uma analítica existencial se abre aquele caminho que nos promete conduzir ao Ser, à revelação da verdade ou *alétheia*. E passamos assim da metapsicologia para a metafísica...

Em Freud, a denegação compromete o princípio do prazer porque este colide com o princípio da realidade, ficando aquele suspenso ou sujeito a uma perda cuja imagem é a da morte, da destruição, do desacordo ou da discórdia quando nos confrontamos com a realidade quotidiana. Em Heidegger essa realidade marcada pelas preocupações de um dia-a-dia mais ou menos banalizado, pela inautenticidade que compromete o sentido da nossa existência é posta entre parêntesis, é interrogada. Como alcançar, então, o *saber* do Ser? Será o próprio Ser que se nos revela como se nele houvesse uma intencionalidade. Mas isto pressupõe uma disposição da existência humana, não uma existência decaída mas, sim, autêntica, para que a verdade surja como sendo o próprio desvelamento do Ser. Ora essa autenticidade é uma conquista do sujeito humano, do *Dasein*, e o seu sentido último reside no facto de ele, o sujeito humano, ser fundamentalmente um “ser para a morte”.

O que se entende por esta afirmação? Heidegger considera que “desde que um homem nasce é suficientemente velho para morrer”⁷. Cria-se, assim, um estado de angústia que podemos considerar como uma categoria existencial que dá sentido a uma temporalidade limitada própria da existência humana, o que promove, ao confrontar a nossa existência com a negação que, no tempo, é a morte, a própria autenticidade dessa existência,

⁷ Jolivet 1950: 25. Cf. também Heidegger 1986:289-322.

sendo aqui que se funda o caminho para o conhecimento e a verdade, porque ambos, conhecimento e verdade, implicam ou exigem essa *autenticidade*. É por ela que se dá a “abertura do Ser”, dado que a subjectividade considerada em si mesma, ao contrário do que acontece em Kierkegaard, não é a verdade. Há, como se referiu já, uma intencionalidade a partir do Ser. A limitação ou negação no tempo que é a morte cria um *pathos* – Heidegger designa por *Stimmung* um estado de tonalidade emocional como este –, pelo qual uma vivida disponibilidade para o conhecimento se realiza.

No entanto, a existência humana confronta-se com múltiplos limites e desvios: a errância de uma vida inautêntica, a que hoje uma pós-modernidade parece estar tão sujeita, os ambíguos desvios que comprometem o nosso conhecimento ou a nossa consciência, o efeito dos recalcamientos e das pulsões como factores de várias perturbações ou disfarces. Mas à face sombria desta medalha pode opor-se o seu reverso claro. Tanto Freud como Heidegger, há algumas décadas mas, afinal, num tempo que é nosso, vieram chamar a atenção para ela quando consideraram a cura, a existência autêntica, a verdade. Oscilando entre *eros* e *thánatos*, desenha-se aqui um caminho que será suficientemente luminoso para que naquela face da medalha se possa ver inscrito o que seria agora o nosso rosto.

Bibliografia:

- BALAUDÉ, Jean-François (2002), *Le Vocabulaire des Présocratiques*, Paris, ed. Ellipses.
- FERREIRA, José Ribeiro (2004), *Amor e Morte na Cultura Clássica*, Coimbra, Ariadne Editores.
- HEIDEGGER, Martin (1986), *Être et Temps*, Paris, ed. Gallimard.
- HYPOLITE, Jean (1991), *Figures de la Pensée Philosophique*, vol 1º, Paris, Presses Universitaires de France.
- JOLIVET, Régis (1950), *Le Problème de la Mort chez M. Heidegger et J.-P. Sartre*, Paris, Éditions Fontenelle.
- LACAN, Jacques (1966) *Écrits*, Paris, Éditions du Seuil.
- LAPLANCHE e J.-B. PONTALIS, J. (1970), *Vocabulário de Psicanálise*, Lisboa, Moraes Editores.
- VOILQUIN, Jean (1964), *Les Penseurs Grecs avant Socrate*, Paris, ed. Garnier-Flammarion.